

A NATUREZA HUMANA SEGUNDO O *CORPUS HIPPOCRATICUM*: ANÁLISE DO TEXTO *A NATUREZA DO HOMEM*

THE HUMAN NATURE ACCORDING TO THE *CORPUS HIPPOCRATICUM*: TEXT ANALYSIS *THE NATURE OF MAN*

Juliana da Silveira Pinheiro^{1*}

RESUMO

Este artigo visa analisar a concepção de natureza humana revelada no texto *A natureza do homem*, um dos escritos fundamentais do *Corpus Hippocraticum* para compreendermos essa questão na Medicina Hipocrática. Nele, é apresentada a Teoria Humoral, pela qual se defende que somos constituídos por quatro substâncias primárias, chamadas de “humores”, as quais sofrem influência do ambiente. O principal objetivo do autor é o de sustentar a tese de uma natureza humana física e variável, que se altera ao longo do tempo, sob a ação da água, da terra, do fogo e do ar, das estações do ano e das idades do indivíduo, realizando, assim, uma crítica às concepções atemporais metafísicas, bem como à perspectiva pré-socrática monista, vale ressaltar, de filósofos e médicos, que defendiam a composição da natureza humana por apenas uma substância. De acordo com Pólibo, o autor do texto, somente a compreensão de uma natureza composta por várias substâncias, e não apenas uma, poderia dar conta de explicar o aparecimento de doenças, a geração, a corrupção e a própria saúde.

PALAVRAS-CHAVE: natureza Humana; *Corpus Hippocraticum*; teoria humoral; filosofia da medicina; saúde.

ABSTRACT

This article aims to analyze the conception of human nature revealed in the text *The nature of man*, one of the fundamental writings of the *Corpus Hippocraticum* to understand this issue in Hippocratic Medicine. In it, the Humoral Theory is presented, by which it is argued that we are made up of four primary substances, called "humors", which are influenced by the environment. The author's main objective is to support the thesis of a physical and variable human nature, which changes over time, under the action of water, earth, fire and air, the seasons and the ages of the thus making a critique of timeless metaphysical conceptions, as well as the monist pre-Socratic perspective, it is worth mentioning, philosophers and doctors, who defended the composition of human nature by just one substance. According to Polybus, the author of the text, only the understanding of a nature composed of several substances, and not just one, could explain the appearance of diseases, generation, corruption and health itself.

KEYWORDS: human nature. *Corpus Hippocraticum*; umoral theory; philosophy of medicine; health.

* Graduada em Artes plásticas pela UDESC, graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestra em Filosofia pela mesma Universidade e doutora em Filosofia pela UFMG. Professora adjunta na Universidade Estadual de Santa Cruz-BA (UESC). E-mail: jspinheiro@uesc.br.

A Medicina Hipocrática apresentada no *Corpus Hippocraticum*, além de discutir a autonomia dessa arte e expor estudos sobre o corpo humano, assume também uma concepção de homem, em relação à qual se pensa a saúde e a enfermidade. Certamente que encontrar as causas de nossos males físicos requer que saibamos quem somos nós ou, pelo menos, ter uma pressuposição sobre isso. Qual seria, então, a visão de ser humano dessa Medicina? O que o definiria seriam aspectos físicos, morais, intelectuais ou metafísicos, como muitas vezes a Filosofia apresenta? Seria um ser constituído de uma substância primordial ou de várias? A fim de investigar em que consiste a natureza humana, segundo o *CH*², e de que modo Medicina e Filosofia se comunicam, iniciaremos uma série de artigos sobre o assunto. Este é o primeiro deles.

Para nossa investigação, faz-se mister, antes de tudo, esclarecer que estamos tratando de um conjunto de textos que datam do século V a.C. até o século II d.C., e que a Medicina Hipocrática é mais propriamente uma prática de cura ou restauração da saúde humana, que se revela nesses textos, mas que também se estende para além deles e, portanto, para além daqueles séculos. O hipocratismo dessa medicina alcança o século XVIII e há quem defenda que seus traços se estendam até os dias atuais. Sendo assim, a Medicina Hipocrática pode conter muito mais elementos do que os contemplados nos textos, pois pode ter recebido outras influências ao longo de sua trajetória, de modo que estudá-la requer também investigar sua recepção e repercussão em outros tempos e para além dos textos componentes da Coleção. Nosso estudo, porém, tem o recorte temporal na Antiguidade, já que estamos tratando do que se registra nos escritos do *Corpus Hippocraticum*, e é nesse tempo que ele se estabelece, e não em todo o percurso da Medicina Hipocrática.

Ainda que façamos esse recorte, é importante também saber que o *Corpus Hippocraticum* é mais uma coleção de textos, muitas vezes divergentes entre si, do que propriamente um sistema, isto é, um todo intelectualmente organizado. Isto porque o *Corpus* é um conjunto de obras compostas por vários autores de épocas e formações diferentes, mesmo no âmbito da Antiguidade. Alguns reafirmam as ideias dos outros, mas há também divergências entre eles. Segundo Entralgo (1970, p. 403), tratam de temas variados, sob pontos de vista igualmente múltiplos, congregando várias escolas médicas, como a de Cós, a de Cnido, a de Cirene, a de Crotona, a de Rodes e a de Elea. Escolas essas que já existiam antes mesmo da época hipocrática, e que, no *Corpus Hippocraticum*, são de difícil caracterização, com exceção

² *CH* = *Corpus Hippocraticum*.

das escolas de Cós e de Cnido. Entretanto, ainda de acordo com Entralgo (1970, p. 403), apesar de toda essa diversidade, há a possibilidade de identificar alguns traços, pelos quais se nomeia o Hipocratismo. Referir-se a Hipócrates³, enquanto tradição de aprendizado de seus discípulos, é o traço mais superficial. Tais textos não apenas se referem a Hipócrates (que viveu na segunda metade do século V a.C.)⁴, por seguirem-no de alguma forma, enquanto discípulos e seus herdeiros, pois há também particularidades e acréscimos que nem mesmo Hipócrates conheceu. É possível, para além disso, de acordo com Entralgo (1970, p. 423-427), identificar algumas características conceituais comuns à maioria dos textos, pelas quais se denomina o hipocratismo⁵, que reflete na concepção de natureza humana, pois é uma preocupação evidente detectar o que é o homem e como se dá o equilíbrio de sua saúde. É isto que tentaremos identificar.

Uma vez que o *Corpus Hippocraticum* é composto por mais de 70 escritos⁶, não poderemos tratar dessa amplitude em um único artigo. Abordaremos a questão da natureza humana, explorando seus diversos aspectos, em vários estudos, por meio da escolha dos textos

³ De acordo com Gual (1983, p. 08), o caudal da literatura médica atribuída a Hipócrates aumentou consideravelmente por ocasião da reunião, na Biblioteca de Alexandria, no século III a.C., de inúmeros textos médicos que formam a fonte do *CH*. Aí foram catalogados, sob o nome de Hipócrates, escritos, na sua maioria anônimos, que formam a coleção que conhecemos como *Corpus Hippocraticum*. Ou seja, foram atribuídos a Hipócrates textos que, na época, não se sabia de quem eram, mas que, mais tarde, por meio de comentários de outros pensadores, tais como Aristóteles, pode-se reconhecer que não se tratavam de escritos do ilustre médico. Além disso, nas estantes dessa Biblioteca também mesclaram-se tratados médicos provenientes de várias escolas médicas, como as de Cós, as de Cnido e, talvez, também, da Sicília e de outras do sul da Itália. Isso explica ao mesmo tempo a diversidade de ideias (incongruentes, muitas vezes) atribuídas à mesma coleção, bem como o nome que recebeu: *Coleção Hipocrática*.

⁴ De acordo com Ribeiro Júnior (2005, p.11), pouco se pode afirmar com certeza sobre a vida de Hipócrates. Sabe-se que de fato existiu um médico grego, nascido na ilha de Cós, na segunda metade do século V a.C., falecido na primeira metade do século IV a.C., pertencente a uma família de médicos e que teve grande reputação em seu tempo. Sua existência coincidiu com a Guerra do Peloponeso e com a efervescência cultural de Atenas. Mas há muitas informações controvertidas sobre sua existência. Para mais detalhes sobre a dificuldade de se estabelecer com precisão informações sobre a vida de Hipócrates, conferir Ribeiro Júnior (2005, p. 11-24).

⁵ Conforme Entralgo (1970, p. 423-427), algumas ideias perpassam pelos textos agrupados sob a égide de “Coleção Hipocrática”, a saber: (i) A concepção de medicina como *tékhne* ou arte. Isto é, um conhecimento racional acerca do “que” é a doença e do “porquê” ela aconteceu. (ii) A ideia de que a enfermidade, o enfermo, o homem e o remédio possuem cada qual a sua *phýsis*, a sua natureza, e o médico precisa saber o que é cada um deles. Ou seja, todos os textos hipocráticos, apesar de suas diferenças, concordam que a medicina se refere à *physiologia* pré-socrática, enquanto estudo da *phýsis*. (iii) A ideia “fisiológica” da enfermidade, no sentido de ser entendida como uma alteração do equilíbrio da *phýsis* em que consiste a saúde. (iv) A constitutiva limitação das possibilidades da arte de curar, porque o médico é visto como um servidor da *phýsis*. Assim, ele atua nos limites do que ela permite. (v) O princípio de “favorecer ou não prejudicar”, de acordo, ao mesmo tempo, com a intervenção e a prudência. (vi) A sensação do corpo como critério de certeza do médico, ou seja, a percepção, pelos sentidos, do corpo do enfermo. (vii) A consciência da dignidade profissional do médico, no sentido de que a finalidade da sua atuação é honrosa.

⁶ A Coleção Hipocrática é composta por 66 tratados sobre o corpo humano, um juramento, um livro sobre leis e algumas cartas.

mais significativos desse assunto no *Corpus*. Neste artigo, iniciaremos a exposição dessa pesquisa explorando apenas o texto a *Natureza do homem*.

A *Natureza do homem*, texto escrito no século IV a.C., muito provavelmente por Pólibo, genro de Hipócrates, apresenta a conhecida “Teoria Humoral”, segundo a qual a natureza humana é composta por quatro substâncias, que, na Medicina Hipocrática, eram chamados de humores. Para entendermos isso, é preciso, antes, compreender o que são “humores”.

Segundo Entralgo (1970, p. 146-148), o “humor” não teve uma definição muito precisa na mente e nos escritos hipocráticos. Em *Sobre os humores*⁷, é usado o vocábulo *chymós*, que significa suco, líquido, e esse seria o termo técnico para designar “humor”. Porém, na *Natureza do homem*, a palavra só aparece uma vez e não tem um sentido definitório. Recorrendo a outros textos, pode-se dizer, seja qual for o termo grego que o nomeie, que “humor” é uma substância e, como tal, tem o caráter elemental (no sentido de que, biologicamente, ele não se decompõe em outras substâncias mais simples), caracterizada pela sua fluidez e por sua miscibilidade. Portanto, podemos dizer que o “humor” é um líquido básico, que se mistura. A mistura (*krásis*) dos humores forma tanto partes líquidas, como partes sólidas do corpo.

De acordo com a Teoria Humoral encontrada na *Natureza do homem*⁸, o homem é composto de quatro humores, a saber, o sangue (*haima*), o fleuma⁹ (*plégma*), a bile negra (*mélaina cholé*) e a bile amarela (*xanthé cholé*). Nossa natureza seria formada, desse modo, por quatro substâncias primárias, e nossa saúde dependeria da harmonia delas. Vamos explorar um pouco essas informações.

Primeiramente, o que se destaca no texto é essa noção de que somos formados por quatro substâncias ou humores, o que se diferencia da visão da maioria dos pré-socráticos, para quem, em geral, a natureza humana é constituída por apenas uma substância, como o ar ou a água. É o que se pode ver no caso de Tales, para quem tudo é água; ou de Anaxímenes, para quem tudo é ar¹⁰. A *Natureza do homem* mostra-se, assim, como uma crítica dirigida aos filósofos

⁷ Este texto data dos primeiros anos do século IV a.C. Contrariamente ao que o título diz, *Sobre os humores* não explica a formação dos humores. Ele parece pressupor a existência destes, concordando com a Teoria Humoral, mas trata da influência do meio e das estações no seu florescimento.

⁸ Há outros esquemas de humores estabelecidos pela escola de Cnido, mas o esquema que aparece na *Natureza do homem* foi o que foi transmitido à posteridade, de forma canônica, por meio de Galeno. Sem dúvida, a referência aos humores é um traço marcante da Medicina Hipocrática (ENTRALGO, 1970, p. 145-149).

⁹ Fleuma é todo líquido frio e esbranquiçado ou transparente do corpo, como o muco e a linfa.

¹⁰ O autor de *A Natureza do homem* entende que a ideia de Anaxímenes não está baseada em nada concreto, parecendo algo metafísico, por ser abstrato. Porém, Anaxímenes entendia que tudo é ar, a partir de observações dos fenômenos naturais da rarefação e da condensação, processos pelos quais o ar passa e se torna visível, como quando se torna um nevoeiro. Assim, todas as coisas seriam o resultado da condensação ou da rarefação do ar.

monistas, que procuravam compreender a natureza humana a partir de um único elemento fundamental.

Quem costuma ouvir aqueles que falam sobre a natureza humana, além do que concerne à medicina, para ele, este discurso não é interessante de ser ouvido. Digo, pois, não ser o homem, por completo, nem ar, nem fogo, nem água, nem terra, nem nenhum outro elemento que não é manifesto no interior do próprio homem. Mas deixo de lado aqueles que querem falar tais coisas. Certamente não me parece que os que dizem tais coisas as conhecem perfeitamente. Usam todos o mesmo juízo, e não dizem as mesmas coisas; mas desse juízo eles chegam à mesma conclusão. Dizem, pois, ser uno algo que existe, e ser este uno o uno e o todo, mas não concordam sobre os nomes. Diz um deles ser o ar o uno e o todo; o outro ser o fogo; outro, a água; outro, a terra. Cada um acrescentando ao próprio discurso testemunhas e provas que nada são. (*Da natureza do homem*, 1Litré)¹¹.

Parece, conseqüentemente, ser uma arbitrariedade utilizar juízos que não significam o mesmo e, ainda assim, chegar à mesma conclusão, o que revela que desconhecem o que falam. Concordam, tais filósofos, quanto a haver um elemento fundamental de constituição humana, porém discordam sobre qual seria ele. De qualquer forma, essa disputa mostra que não conhecem nada das coisas, pois ela não repousaria sobre a realidade, afirma Pólibo. (*Da natureza do homem*, 1Litré).

O autor da *Natureza do homem* recorre, então, como médico que é, a estabelecer a natureza humana em termos do que realmente observa: a constituição orgânica. Assim, médicos poderiam responder mais concretamente o que é a natureza humana, sem recorrer a concepções cosmológicas abstratas. Todavia, mesmo dentre os médicos, há divergências. Uns afirmam ser o sangue, outros o fleuma, outros a bile. E o fazem, pois, tendo visto homens que, ao tomarem um purgante, vomitam bile amarela até morrer, o que os faz pensar que esse humor é o que define a natureza humana. Ou então, ao ver homens serem degolados e morrerem até findar a última gota de sangue, pensam ser esse seu princípio vital. São essas “provas” testemunhais individuais que endossam essa opinião. Em todo caso, todos, porém, estabelecem como sendo apenas uma única substância a compor a natureza do homem. A isso, o Tratado também contesta, tanto empiricamente, quanto metafisicamente. Empiricamente porque o que se observa é que um remédio que purga a bile amarela, primeiro a vomita, depois a fleuma, em seguida a bile negra e finalmente o sangue puro. E, metafisicamente, porque, se a natureza

¹¹ Para o texto *A Natureza do homem*, utilizamos a tradução realizada por Henrique Cairus, publicada em: (CAIRUS; RIBEIRO JÚNIOR, 2005, p. 39-59), a qual segue a edição de Émile Littré. Para tanto, as citações da *Natureza do homem* serão referenciadas, de modo especial, da seguinte forma: título da obra, seguido do número do artigo, tal qual se encontra na edição de Littré.

humana fosse composta por apenas uma substância, não haveria sofrimento e geração. O uno não se modifica, essa é a tese de Méliossos¹², presente aqui, pela qual o ser é uno e imóvel.

“Todavia, é justo aceitar que quem fala conheça bem os assuntos, fazendo triunfar sempre seu próprio discurso, caso conheça ele a realidade e a demonstre como se deve. Parece-me, porém, que estes homens derrubam-se a si mesmos nos termos dos seus discursos, por inabilidade (*asynesía*), e restabelecem o discurso de Méliossos. (*Da natureza do homem*, 1Litré).

Restabelecer o discurso de Méliossos significa que, depois de tantas controvérsias sobre qual elemento ou substância nos constitui, o que fica é a ideia de que é apenas uma, não sendo definido qual delas, e, assim, se é uma, ela permanece inalterada. A modificação de estado implica alteração da substância, e para isso é necessário que haja mais de uma. Segundo uma visão recorrente na Antiguidade, alteração é sofrimento, e sofrimento requer a ação do outro, pois sofrer é receber. Dessa forma, se sofremos, se adoecemos, é porque não somos compostos por apenas uma única substância. Assim, Pólibo completa:

“Eu, de minha parte, digo que, se o homem fosse uma unidade, nunca sofreria. Pois, sendo uma unidade, não haveria por que sofrer. Se realmente sofre, é necessário que haja também um único medicamento. Mas há muitos, pois há muitas substâncias no corpo, as quais, quando, contra a natureza, mutuamente se esfriam e se esquentam, e se secam e se umedecem, geram doenças; de tal modo que muitas são as formas (*idéai*) de doenças e seus tratamentos vários. (*Da natureza do homem*, 2Litré).

Se o homem fosse apenas uma substância, o sangue, por exemplo, não mudaria de aspecto, nem momentaneamente, nem durante toda a vida. Mas não é isso que se verifica em nosso estado físico. Nós mudamos, adoecemos, nos curamos. E mais uma prova disso é que não há apenas um medicamento. Se fôssemos apenas uno, haveria apenas um remédio, mas a experiência mostra que existem e precisamos de vários. Isso mostra que somos compostos por várias substâncias, e tanto filósofos quanto médicos monistas se enganam em defender a natureza humana considerando apenas uma substância ou elemento.

O argumento do Tratado é de que, se fomos gerados (e de fato constatamos que fomos), isso ocorreu a partir de mais de uma substância, porque a gênese não se dá a partir de um indivíduo tão somente. É necessário, portanto, que tenhamos sido gerados por duas ou mais

¹² Melissos foi discípulo de Parmênides e, como tal, adepto do Eleatismo. Tal escola possui como princípios fundamentais: 1. Unidade, imutabilidade e necessidade do ser; 2. Acessibilidade do ser só para o pensamento racional e condenação do mundo sensível e do conhecimento sensível como aparência (ABBAGNANO, 2007, p. 308).

substâncias (e da mesma forma as conservamos em nós, mantendo também a capacidade de gerar), o que mostra que o argumento pré-socrático monista não se sustenta. Além disso, é necessário que essas substâncias que nos formam interajam de maneira equilibrada no sentido de que uma não se sobreponha demasiadamente à outra, de modo a anulá-la, pois, assim, acabaria por restar apenas uma e, conseqüentemente, não mais gerar. Assim afirma a *Natureza do homem*:

Como, de fato, um ser único geraria, se não se unisse a outro? Afinal, se não se mesclar em seres que sejam da mesma raça e tenham as mesmas propriedades, não haveria gênese, nem isto poderia acontecer. Por outro lado, se o calor e o frio, e o seco e o úmido não se inter-relacionarem com moderação e em igualdade, mas um predominar sobre o outro, o mais forte sobre o mais fraco, não ocorrerá a gênese. De sorte que como seria possível gerar a partir de um só ser, quando não se gera a partir de muitos, se a combinação entre eles não for bem constituída? Sendo esta a natureza de todos os seres e a do homem, então, é forçoso que o homem não seja uno; mas cada um dos humores que contribuem para a gênese conserva no corpo sua propriedade, e precisamente a que contribuiu. (*Da natureza do homem*, 3Litré).

O que se observa, segundo esse texto (*Da natureza do homem*, 5Litré), é que é evidente que todos os homens são compostos desses quatro humores, e nasceram e foram alimentados de outros seres humanos que também o possuíam. A Teoria Humoral defende, portanto, o número de quatro substâncias, pois são essas que se constatam na composição do corpo humano.

O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra; esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo, quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. Pois é necessário que, quando um desses humores se separa e se desloca para adiante de seu lugar, não só este lugar de onde se desloca adoeça, mas também o lugar no qual ele transborda, ultrapassando a medida, cause dor e sofrimento. (*Da natureza do homem*, 4Litré).

Na perspectiva desse escrito, a saúde depende do equilíbrio dos humores na sua relação com fatores naturais¹³. O ambiente nos influencia diretamente e precisa ser estudado pelo médico, a fim de que ele possa fazer um diagnóstico mais preciso. Dessa maneira, o médico hipocrático deve visitar o doente, de modo a conhecer tudo o que possa influenciar sua saúde.

¹³ No livro *Ares, águas e lugares*, veremos o tratamento da relação entre a saúde do homem e o ambiente que o cerca, considerando não somente os fatores naturais, como também os culturais, incluindo os políticos. Isso será discutido em outro artigo.

A ideia de saúde como equilíbrio do corpo é anterior ao *Corpus Hippocraticum*. Alcmeón de Crotona¹⁴, médico e filósofo pitagórico do início do século V a.C., definia a saúde como isonomia entre elementos do corpo.

Segundo Alcmeon, é o equilíbrio das potências, como o úmido e o seco, o frio e o quente, o amargo e o doce etc., que produz e conserva a boa saúde; é ao contrário, a predominância de uma delas que provoca a doença e, quando duas dessas potências predominam, a morte se segue. A doença sobrevém de uma parte, no que concerne ao agente, em razão de um excesso de calor ou de frio, de outra parte, no que concerne à causa material, em razão de uma abundância ou de uma falta de alimento, e de outra parte, enfim, no que concerne aos lugares, pelo fato <de afetar> seja o sangue, seja a medula, seja o cérebro. Essas partes podem também ser afetadas por causas externas, como certas qualidades das águas, certos climas, a fadiga ou uma violência sofrida, ou tudo o que disso se aproxima. Mas, para voltar à boa saúde, ela é a mistura harmoniosa das qualidades (AÉCIO, *Opiniões*, V, XXX, I = 24 B 4 DK *apud* PEIXOTO, 2009, p. 8).

Essa ideia de “equilíbrio” perpassa por todo o *CH* e podemos dizer que é um traço dessa medicina herdado de Alcmeón. Para além disso, a consideração dos diferentes fatores ambientais como causadores de desequilíbrio em nossa saúde é um estudo crucial para os médicos hipocráticos, que se observa também nesse trecho citado acima, da mesma forma que a noção de doença como predomínio de um elemento sobre outro. Como observa Peixoto (2009, p. 08), antes de Hipócrates, filósofos, médicos e poetas já definiam a saúde do homem e da cidade sob a noção de equilíbrio. Alcmeón, especialmente, ao tratar a saúde como “equilíbrio das potências”, inaugura uma investigação sobre o microcosmo humano, guiado pela ideia pitagórica de ordem e harmonia do cosmos.

A noção de “elementos” (*stoikheion*) também opera sobre toda Medicina Hipocrática e é, da mesma forma, herança dos pré-socráticos, os quais os identificavam cada qual a sua maneira: Demócrito defendia que esses elementos primários eram os “átomos”; Anaxágoras dizia que eram “sementes”; Empédocles, a água, a terra, o fogo e o ar. É sobre os quatro elementos de Empédocles¹⁵ que o autor da *Natureza do homem* se fundamenta, ainda que em outros textos possamos encontrar a influência de outros filósofos. Segundo ele, esses elementos são as partes constitutivas de toda Natureza da qual também fazemos parte. Somos, então, um microcosmo, cuja natureza elementarmente é a mesma do grande cosmos. Dito de outra forma, são esses elementos a matéria básica da natureza humana, assim como de todo o universo.

¹⁴ Alcmeón foi discípulo da tradicional escola médica de Crotona.

¹⁵ Empédocles nasceu no século V a.C., na cidade de Agrigento, na Sicília.

Sendo assim, de acordo com Rebollo (2006, p. 56), podemos entender que os humores são formados de elementos mais primários ainda do que eles mesmos, ou seja, a água, a terra, o fogo e o ar, que, por sua vez, geram as qualidades do quente, do frio, do seco e do úmido, que estarão presentes nos humores. Mais bem explicado, ela diz:

Nos tratados *Sobre a natureza do homem* e *Dos humores*, a doutrina humoral é sistematizada com maior clareza. Os elementos primários constituintes do corpo são a água, o fogo, o ar e a terra. Tais elementos geram as qualidades (quente, frio, seco e úmido) que, organizadas em pares, dão origem aos quatro humores (*chymós*). Todas as partes líquidas e sólidas do corpo são compostas por uma mistura ou mescla (*krásis*) de tais humores. As doenças dependerão, na sua maioria, de uma discrasia ou desequilíbrio entre a composição natural de tais humores. Os autores do *CH* derivaram de tal teoria uma nosologia que correlacionou as faixas etárias, as estações do ano e os temperamentos humanos, fornecendo com isso a base da terapêutica hipocrática. (REBOLLO, 2006, p. 56).

É porque os humores são gerados a partir dos quatro elementos que Pólibo afirma que a eles voltarão, quando o corpo se decompuser. E é porque as substâncias carregam em si as qualidades dos elementos, que elas sofrem mudanças conforme o frio, o quente, o úmido, o seco, ainda que não deixem de ser o que são. Elas aumentam e diminuem, mas retornam à sua própria natureza: o úmido ao úmido, o calor ao calor, o frio ao frio e o seco ao seco.

É necessário, também, que cada humor retorne à sua própria natureza, tendo chegado ao seu fim o corpo do homem: o úmido ao úmido, o seco ao seco, o calor ao calor e o frio ao frio. Esta é a natureza dos animais e de todos os seres: tudo acontece da mesma maneira e termina da mesma forma. Pois a natureza dos seres é formada a partir de todos estes humores já mencionados, e, segundo o que foi dito, acaba e se desintegra exatamente lá, onde cada um se formou. (*Da natureza do homem*, 3Littré).

Dotados de qualidades elementares aos pares (quente, frio, seco e úmido) e em relação aos primeiros elementos constitutivos do universo, os humores são, assim, estabelecidos: a bile amarela, quente e seca, está relacionada com o fogo; a bile negra, sendo seca e fria, diz respeito à terra; o fleuma, por ser frio e úmido, concerne à água; e, por fim, o sangue, quente e úmido, relaciona-se ao ar. Dessa maneira, sangue, fleuma, bile negra e bile amarela não são úmidos ou secos ou frios ou quentes da mesma maneira. Eles possuem naturezas próprias, com características particulares, conforme a combinação aos pares: quente e úmido é diferente de quente e seco, e assim por diante. Ademais, tais humores aumentam ou diminuem conforme esses elementos atuam sobre eles. Dessa forma, uma estação em que se evidencia o frio, por exemplo, aumenta o fleuma no corpo, pois ele é um humor frio, como pode-se atestar ao tocá-lo. Ou seja, o humor aumenta conforme a incidência maior de um elemento de sua natureza.

Podes saber que o inverno enche o corpo de fleuma assim: no inverno, os homens escarram e assoam o nariz muito fleumaticamente; nessa estação, as inchações que tiverem tornam-se mais brancas e sobrevém as outras doenças fleumáticas. Na primavera, porém, o fleuma ainda permanece forte no corpo e o sangue aumenta: o frio se abranda e as chuvas caem; o sangue aumenta por causa dos temporais e dos dias quentes; estas condições do ano são as mais conformes com a natureza deste humor, pois a primavera é úmida e quente. Podes saber disso assim: os homens, na primavera e no verão, são tomados pelas disenterias; o sangue lhes escorre do nariz, e ficam muito quentes e vermelhos. No verão, o sangue ainda é forte e a bile aumenta no corpo e permanece assim até o outono. No outono, porém, o sangue torna-se pouco, pois o outono é contrário à sua natureza; mas a bile domina o corpo no verão e no outono. Podes saber disso assim: os homens, espontaneamente, vomitam bile nesta estação, e, durante a ingestão de remédios, purgam muito biliosamente por causa, é evidente, das febres e das colorações destes homens. (*Da natureza do homem*, 7Litré).

O contrário também acontece: de o humor diminuir, conforme a estação do ano não ser propícia para sua produção. Dessa maneira, o fleuma diminui no verão, pois, sendo esta estação quente e seca, é oposta à sua natureza. O sangue, por sua vez, torna-se mais escasso no outono, pois este é seco e esfria o corpo. A bile negra que aumenta no outono, por ser seco, diminui no inverno, por ser chuvoso. Assim, os humores variam conforme a natureza de cada estação, como se percebe nesta tabela¹⁶:

Humores	Princípios	Estações do ano em que aumentam	Estações do ano em que diminuem
Fleuma	Úmido e frio	Inverno (úmido e frio)	Verão (seco e quente)
Sangue	Úmido e quente	Primavera (chuvosa e quente)	Outono (seco e frio)
Bile amarela	Seca e quente	Verão (seco e quente)	Inverno (úmido e frio)
Bile negra	Seca e fria	Outono (seco e frio)	Primavera (chuvosa e quente)

¹⁶ Conforme *Da Natureza do Homem*, 7Litré.

O que se pode ver é que, com o passar das estações, os humores aumentam e progressivamente diminuem, em sequência, alternando-se conforme os princípios se tornam mais evidentes. Assim, o sangue que aumenta na primavera dá lugar à bile amarela que se sobrepõe no verão; em seguida, toma mais lugar a bile negra no outono e, então, entra em cena com maior abundância o fleuma, no inverno. Nenhum dos humores desaparece em nenhum momento, pois não sobreviveríamos se um deles faltasse. Porém, o que *Da natureza do homem* defende é que em dado momento um deles se torna mais evidente. Dessa forma, as doenças que sobrevêm pelo aumento dos humores são também características das estações do ano e, portanto, devem esmorecer ao mudar de uma estação para outra. Por exemplo, o inverno é uma estação propícia para doenças decorrentes do excesso de fleuma, que devem desaparecer quando começar a primavera. A prova de que cada humor possui uma correspondência com cada estação do ano pode ser encontrada quando se dá o mesmo remédio em cada uma das estações e a pessoa vomita, no inverno, fleumaticamente; na primavera, umidamente; no verão, biliosamente; no outono, nigérrimo (*Da natureza do homem*, 7Littré).

Isso que podemos chamar de natureza humana, então composta por quatro substâncias, altera-se conforme o clima, mas também conforme a idade. Observa o tratado hipocrático que o ser humano, quando nasce e enquanto se desenvolve, é mais quente do que em qualquer outra idade. E, à medida que envelhece e definha, torna-se mais frio (*Da natureza do homem*, 12Littré). Assim, se, por um lado, os quatro humores são o que compõe a natureza humana essencialmente, pois sem eles não se sobreviveria, ela não é completamente estática e igual para todos os seres humanos. Ela se modifica conforme o ambiente e a idade, bem como não compõe na mesma medida todas as pessoas. Algumas têm mais incidência de fleuma, outras de sangue, e assim por diante. Ou seja, a natureza humana aqui considerada é flexível e depende da influência de vários fatores. Ela varia não só de pessoa para pessoa, mas também na própria pessoa, dependendo do lugar onde se encontra. Isto é, não somos os mesmos com o passar do tempo.

Nossa natureza não é, portanto, segundo a *Natureza do homem*, nada metafísica e, por assim dizer, invariável. Muito pelo contrário, ela é muito terrena, temporal e influenciável. Como diz Jouanna (JOUANNA; MAGDELAINE, 1999, p. 37, tradução nossa):

Uma das grandes intuições do *Corpus* é que o homem é indissociável do universo que o cerca, e isso de diversas maneiras. No quadro da teoria humoral, como vimos, os médicos determinaram, entre humores e estações, uma série de associações e de correspondências. Ao longo do ano, os humores aumentam ou diminuem, induzindo

modificações sutis na natureza humana e levando, por afinidade, a certas doenças em preferência a outras. O corpo, portanto, segue o ritmo da natureza e das estações.

É isso o que a *Natureza do homem* deixa entrever e que será mais detalhadamente explanado no livro *Ares, águas e lugares* (estudado em um artigo futuro): o quanto o ambiente altera nossa natureza e por consequência nossa saúde, porque a natureza humana não é estática e dissociada do meio onde nasce e vive. Ela se altera com o tempo, com o frio e o calor, com o úmido e o seco, com as estações e com as idades, seguindo o ritmo do cosmos, pois é parte dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas conclusões são passíveis de serem extraídas acerca da natureza humana no texto *A Natureza do Homem*. Primeiramente, a defesa de Pólibo é a de que a compreensão do que somos deve ser definida pela Medicina, face às observações mais concretas, ainda que, para ele, esta seja, em alguma medida, influenciada pela Filosofia (vide a cosmologia de Empédocles, que permeia a Teoria Humoral).

Além disso, segundo ele, a natureza é mutável, ainda que seja dentro do espectro dos humores, o que contraria a doutrina de Méliossos, do ser como uno imutável. Para ser alterável, pressupõe o outro, devido ao qual sofre; mas retorna a si, fazendo com que a natureza humana não se perca, não se transforme em outro. Somos, assim, um microcosmos que, à luz do que acontece no cosmos, se altera constantemente, mas nunca deixa de ser o que é. Por isso, é necessário que ele não seja uno, pois o uno não se altera. Nesse sentido, vemos como a crítica à doutrina de Méliossos é importante para que possamos construir a visão de nossa natureza como múltipla, alterável, gerada e capaz de gerar. Sem a compreensão da multiplicidade de substâncias como componentes de nosso corpo, não seria possível perceber a natureza humana de maneira palpável, no sentido de não ser especulativa, assim como o médico constata. Isto revela um traço importante da medicina hipocrática que é a busca por respostas mais concretas, que figure uma descrição mais próxima do que se constata empiricamente. Mas é preciso lembrar que a crítica não é apenas dirigida aos filósofos monistas; ela se coloca também face aos médicos monistas. Dentre eles há opiniões que defendem a constituição do corpo por um só humor. Ao fim e ao cabo, vemos, portanto, que a crítica é menos aos filósofos pré-socráticos do que aos monistas em geral.

Dessa forma, a natureza humana não é aqui senão uma descrição do que médicos veem acontecer conosco, mais propriamente com nosso corpo. A pergunta que fica, então, é: a natureza humana é tão somente nosso corpo?

Considerando o texto *Natureza do homem*, percebemos a atenção dada, obviamente, aos aspectos físicos do ser humano, ainda que eles sofram influência do meio onde estão. Essa é realmente a primeira impressão que temos ao ler esse texto. Porém, como veremos em outros textos do *Corpus*, a natureza humana é cultural e histórica, também influenciada pelos costumes. Entretanto, no que compete à análise da *Natureza do homem*, o que se destaca aqui é, de fato, o seu caráter biológico, e não metafísico, visto que a intenção é fazer uma crítica aos filósofos monistas pré-socráticos.

No entanto, é preciso lembrar que o fundamento da doutrina dos quatro elementos de Empédocles, apesar de não ser monista, é ainda filosófico, o que faz com que Pólibo não tenha se desprendido totalmente da fundamentação cosmológica (o que será criticado pelo autor da *Medicina Antiga*, texto também do *CH*, como veremos em outro artigo). Aliás, a correlação entre os elementos água, terra, fogo e ar com o fleuma, a bile negra, a bile amarela e o sangue, não é claramente explicada na *Natureza do homem*. Ela é tão somente postulada, a partir da experiência empírica da temperatura desses humores. Quando o texto fala que os humores retornam ali onde se formaram (“o úmido ao úmido, o seco ao seco, o calor ao calor e o frio ao frio” (*Natureza do homem*, 3Litré)), pressupõe-se uma relação, ao nosso ver, pouco explicada de como essas qualidades, provenientes da água, terra, fogo e ar, formariam os humores. Estes carregam tais características, poderíamos admitir, mas ainda assim segue-se sem explicação como a união entre tais elementos originaria cada um dos humores e por que não outros. Não obstante essas lacunas explicativas, a noção de “elementos”, muito presente na cosmologia dos filósofos pré-socráticos, rege também a Medicina Hipocrática, como vimos. E é sempre importante insistir: “elementos” em número finito, porém, múltiplos, definem, segundo Pólibo, o conceito de natureza humana.

Outrossim, a ideia de saúde como equilíbrio dos humores e da doença como o predomínio de um sobre o outro (o que gera desequilíbrio) é também tributária de um médico e filósofo pré-socrático, como dissemos, Alcmeón de Crotona. Daí também a necessidade de tornar compreensível essa ideia através de quatro humores, e não apenas um. Não é possível, logicamente falando, haver desequilíbrio do que é uno. E, como vimos, os quatro humores se devem à alegação de uma constatação empírica da constituição do nosso corpo. Nesse ponto,

Pólibo utiliza o recurso da verificação e não da mera especulação, e a noção da saúde como equilíbrio irá também ser registrada como um traço definidor da Medicina Hipocrática.

Por todas essas ideias (Teoria Humoral, saúde como equilíbrio, microcosmo, natureza humana definida por seus elementos biológicos), a *Natureza do homem* mostra-se um texto fundamental para compreendermos o significado da natureza humana no *Corpus Hippocraticum*. Uma visão que trata do que nos compõe fisicamente, e não metafísica, intelectual ou moralmente, a partir de elementos que, combinados de diversas formas e sob a influência de diferentes fatores, como as estações do ano e as idades, variam de indivíduo para indivíduo, fazendo com que cada ser seja único. Não há, portanto, uma única natureza humana, mas várias, inclusive, a mesma pessoa pode experimentá-las em uma variação constante, ao longo de sua vida.

Assim, mesclando descrição biológica e fundamentação cosmológica, para explicar a influência do meio em nosso organismo e nossa saúde, o autor da *Natureza do homem* revela uma compreensão da natureza humana construída entre a Medicina e a Filosofia. Certamente que é um entendimento menos abstrato e universal do que costumamos encontrar na tradição filosófica, mas ainda assim, é tributário dela, pelo menos no que compete ao entendimento do ser humano como um microcosmo. Por outro lado, é exatamente por marcar o que há de particular em cada um de nós, que essa singularidade, que não pode deixar de ser vista pelo médico em seu trabalho de restituir a saúde humana, necessita ser restabelecida pela Medicina Ocidental atual e reconhecida pela Filosofia.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JÚNIOR, Wilson. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

ENTRALGO, Pedro Laín. **La medicina hipocrática**. Madrid: Revista de Occidente, 1970.

GUAL, Carlos García. Introducción general. *In*: GUAL, Carlos García (ed.). **Tratados hipocráticos**. Madrid: ePubLibre, 1983. p.101-107. (Biblioteca Clasica Gredos).

HIPÓCRATES. Da natureza do homem. Tradução Henrique Cairus. *In*: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JÚNIOR, Wilson. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 39-59.

HIPÓCRATES. Sobre los humores. *In*: GUAL, Carlos García (ed.). **Tratados hipocráticos II**. Madrid: ePubLibre, 1983. p. 47-60. (Biblioteca Clasica Gredos).

HIPPOCRATES. De la nature de l'homme. *In*: LITTRÉ, Émile (ed.). **Oeuvres complètes d'Hippocrate**. Traduction, introduction et notes philologiques Émile Littré. Tomo VI. Paris: J. B. Ballière, 1849. p. 34-74.

JOUANNA, Jacques; MAGDELAINE, Caroline (ed.). Introduction. *In*: HIPPOCRATE. **Hippocrate: l'art de la médecine**. Paris: GF-Flammarion, 1999. p. 7-65.

PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz *et al.* **A saúde dos antigos: reflexões gregas e romanas**. São Paulo: Loyola, 2009.

REBOLLO, Regina André. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. *Scientiæ studia*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 45-82, 2006.

RIBEIRO JÚNIOR, Wilson. Hipócrates de Cós. *In*: CAIRUS, Henrique; RIBEIRO JÚNIOR, Wilson. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p.11-24.